

Seria oportuno que Portugal tomasse a sério as implicações negativas do aumento do azoto no ecossistema

Reflexões para este dia... do Ambiente

Hoje é dia de reflexão e de escolha política. Passa, por isso, despercebido o Dia do Ambiente, dia 5 de Junho. É pena. Nem há tempo para pensar que os recursos ambientais são dos valores mais importantes que Portugal possui e teimamos em considerá-los mais um obstáculo do que uma prioridade.

As emissões de carbono tornaram a aumentar. Não cumprimos os compromissos comunitários em matéria ambiental. Quanto teremos que pagar a mais por isso? A vulnerabilidade do país às alterações climáticas é gritante e já ninguém duvida que a mudança climática afecta cada vez mais os modos de vida, a saúde da população e os habitats. Para além do problema do carbono e das alterações climáticas, esquece-se o azoto e os efeitos negativos que provoca no balanço dos gases de estufa, nos ecossistemas e biodiversidade, na qualidade da água e dos solos e na poluição atmosférica.

Em 1900 havia uma forte carência de azoto para adubar as terras e fornecer alimento necessário à população. A produção de amónio, à custa do azoto atmosférico, foi possível há um século atrás devido ao desenvolvimento do processo industrial de Haber e Bosch que, por isso, receberam o Prémio Nobel. Esta descoberta foi uma verdadeira revolução industrial, pois permitiu aumentar a produção e sua precocidade. Sem ela a população não teria triplicado. Mas tudo tem o seu custo: a aplicação continuada de fertilizantes e do uso dos combustíveis fósseis tem aumentado a disponibilidade de azoto no ecossistema com consequências negativas. Isto porque altera a qualidade do ar e da água e, conseqüentemente, a saúde pública e a qualidade de vida das populações; afecta a qualidade dos solos, com consequências para a agricultura e estrutura dos ecossistemas; potencia as alterações climáticas e diminui a biodiversidade.

No passado mês de Abril foi oficialmente lançada a Declaração de Edinburgo, com base no relatório europeu sobre a avaliação do efeito dos níveis de azoto (ENA, European Nitrogen Assessment), elaborado por diferentes equipas europeias ao longo dos últimos cinco anos. Os resultados são assustadores: a poluição do azoto custa à União Europeia entre 70.000-320.000 milhões de euros, por ano.

É realmente difícil avaliar os custos e benefícios da descoberta de Haber-Bosch. O crescimento da população, a produção de energia e de produtos à base de azoto, como os nylon, poliuretanos, estão, directa ou indirectamente, ligados a esta produção. O maior benefício é a produção

de fertilizantes. A Europa aplica, anualmente, 11 milhões de toneladas, mas metade é desaproveitada e perdida no ambiente. Em termos económicos isto equivale a perdas de 13-65 mil milhões de euros por ano.

Na zona mediterrânica, 3/4 do excesso de azoto resultam das actividades agrícolas. Cerca de 50% dos fertilizantes aplicados vão para os aquíferos ou ribeiras, arrastados pelas enxurradas e afectando a qualidade da água e a saúde pública. Nas zonas mais áridas, volatiliza-se para a atmosfera e a deposição de azoto, sob a forma de amónia e óxidos de azoto, tem vindo a alterar a estrutura e o funcionamento dos ecossistemas, bem como o padrão da biodiversidade. O seu aproveitamento por plantas ruderais, arbustivas ou gramíneas, facilmente inflamáveis durante o Verão, potencia o surgimento de fogos em zonas anteriormente pouco susceptíveis.

As medidas rigorosas que os países do Norte da Europa seguiram nos últimos dez anos, para evitar desperdícios na gestão agrícola e perdas a nível de transporte, tiveram apenas modestas reduções nas emissões.

Decididamente o azoto e o seu uso terá de ser regulado

As medidas rigorosas que os países do Norte da Europa seguiram nos últimos dez anos, para evitar desperdícios na gestão agrícola e perdas a nível de transporte, tiveram apenas modestas reduções nas emissões



Maria Amélia Martins-Loução

de forma global. É cada vez mais um desafio ambiental do século XXI que deve ser reconhecido como prioridade da agenda política. Para além de europeu, é um problema global porque a cadeia de produção, distribuição, aplicação e transformação não está presente apenas num só país. O trabalho científico interdisciplinar que se realizou ao longo destes cinco anos mostrou que a interdisciplinaridade é possível, urgente e necessária. Reconheceu o papel dos biólogos nas equipas pelo conhecimento que possuem sobre a biologia e o funcionamento dos seres vivos pela visão holística e integradora do ecossistema, pela capacidade de estabelecer pontes com outras áreas do saber. Realçou ainda que Portugal está muito aquém dos restantes

Data: 05.06.2011

Título: Reflexões para este dia... do Ambiente

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 33

países, pela falta de sensibilização das organizações governamentais e não governamentais para este assunto, que se reflecte na fragilidade da rede nacional de monitorização. Numa altura em que a Europa pede mais intervenção e aconselha um estudo global internacional, seria oportuno que Portugal, na sua futura agenda económica, tomasse a sério as implicações negativas do aumento do azoto no ecossistema e o considerasse como problema ambiental.
Professora catedrática da Universidade de Lisboa



Área: 403cm² / 43%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 3661126